



25 - PEDRO HENRIQUE SARAIVA LEÃO

## PEDRO HENRIQUE SARAIVA LEÃO'

*PEDRO HENRIQUE SARAIVA LEÃO, filho de Manuel Pio Saraiva Leão e de Eunice Saraiva Leão, nasceu em Fortaleza, no dia 25 de maio de 1938. Fez os primeiros estudos no Externato Catarina Labouré e o curso secundário no Colégio Cearense do Sagrado Coração, dos Irmãos Maristas, de cujo Grêmio Literário José de Alencar foi presidente. É médico, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Fez Curso de Pós-Graduação no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo e no Saint Mark's Hospital, de Londres, Inglaterra. É Professor Assistente do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da UFC. Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Colo-Proctologia; Titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, é fundador do Clube do Colostomizado do Brasil (1979), o primeiro do País, e da Regional Norte-Nordeste de Colo-Proctologia. É membro associado da American Society of Colon Ano Retal Surgeons; membro ativo da Societas Internationalis Chirurgorum Coloni et Recti. Chefe das Clínicas Colo-Proctológicas do Hospital Geral de Fortaleza (INAMPS) e da Santa Casa da Misericórdia. Obras publicadas: 12 Poemas em Inglês (1960), Ilha da Canção (1983), Concretemas (1983) e Poeróticos (1984), no campo de literatura; e Auto-avaliação em Colo-proctologia (1980), em colaboração com Misici; Colostomias e Colostomizados (1981) e Câncer e Ficções em Colo-proctologia (1985), na sua especialidade como médico, sendo ainda um dos autores da obra coletiva Isto Não se Aprende na Escola (1982), do Centro Médico Cearense. Atualmente é Presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES) no Ceará. Tem colaborado em vários periódicos literários com poemas e, em revistas especializadas em assuntos médicos, com artigos de sua especialidade. Ao recebê-lo na Academia Disse Pedro Paulo Montenegro, falando de sua poesia: "A estrutura dos versos e das estrofes, da pontuação sobretudo,*

**leva ao sentido do fluir do tempo, ora lento ora rápido, usando, para tanto, de toda a carga de dinamismos positivo e negativo de que são portadoras as palavras. Aí ritmo, rima, metáforas, alegorias, o próprio gênero literário, perfazendo a literariedade, somam-se para o efeito emocional da tentativa de comunicação do poeta."**

ressentem-se da carne  
os ossos da emoção

infensa ao pensamento  
: ossatura do sentimento  
na armação do esqueleto  
sempre cabe um poemeto,  
, sem secreção, já sem couro  
exangue mas duradouro

os ossos da emo(ção  
di(amantes a prova do tempo  
dele antes e há pós -

de estros seqüestros  
guardam a posse  
empós a carne  
os ossos da emoção

eterno é ter no terno seio da amada  
quase tudo, ou quase nada  
de menos; eterno é perecer naquele éter  
e, de novo, insone, renascer

naquela consentida ternura,  
prelibando o amor que vai voltar  
e ter, na amada que murmura,  
, a terra, o céu, o mar, o mundo;

eterno é o que dura um só segundo -  
é o que passou tão de repente  
sem dar tempo amanhecer,

é já ter sido e não mais ser  
é grito preso, e não gritar  
e ter no corpo, e ter na mente

se não paramos o tempo  
foi porque o tempo não passou por nós.  
se não ouvimos a fonte  
ouvimos o grito do suicida  
se não colhemos a flor do penedo  
foi por amor, por temor, foi por medo.  
se não desabrochamos a rosa  
foi porque o orvalho não chegou.  
se não cavalgamos o arco-íris  
foi porque não houve manhã.  
se não recolhemos a pérola na concha  
por olvido não foi.  
se não furamos os dedos nas pontas da estrela  
foi a noite muito densa.  
se o nosso balão não subiu  
foi por falta de brisa.  
foi por falta de brisa que murchou meu pulmão  
não foi por falta de garganta  
que não gritamos do topo do monte,  
foi a navalha.  
se não nascemos foi porque não nos conceberam

de tanto nos encontrar nós nos perdemos  
de tanto falar nós nos calamos  
de tanto acreditar desconfiamos  
de tanto entender desentendemos  
de tanto solfejar nós não cantamos  
de tanto desejar não nos pertencemos  
de tanto nos olhar nós não nos vimos  
de tanto ver enfim cegamos  
de tanto pressentir nós não sentimos  
de tão muito tanto nós ignoramos  
de tão pouco tanto nos apercebemos  
de tanto recordar nos esquecemos  
de tanto alvorecer anoitecemos  
de tanto começar eis que findamos  
de tanto viver nós nos morremos

como se pluma não fosses  
no meu pântano;  
oasis no meu deserto  
estrela na minha noite  
vento na minha vela  
praia no meu mar  
rosa nos meus espinhos;  
alvo da minha seta  
vida da minha meta  
água da minha fonte  
pele dos meus ossos  
nervos do meu querer  
tino do meu destino  
ar dos meus pulmões  
sinos da minha aldeia  
(ventre da minha baleia)  
aranha dos meus cantos  
fio do meu tear  
sangue das minhas veias  
seresta do meu luar;  
útero da minha sina  
casulo do meu porvir  
parto dos meus desejos  
porto dos sonhos meus  
seios dos meus permeios  
vento dos meus moinhos  
fulcro da minha balança;  
como se não fosses  
tu

oh, tu, pu  
dicícia —  
oh, tu  
multa  
oh, tí  
midos anseios, tu  
rgidos

da verdade a ver-te  
vaga a véspera da ternura  
vaga lume em noite escura  
vago eu — vigia insone  
pastoreando esperança  
ao embalo da ilusão

fica sempre um pouco de nós por onde andamos,  
dos nossos braços naqueles que abraçamos;  
fica sempre algum sussurro daquilo que gritamos  
fica sempre algum calor no leito onde dormimos,  
alguma nódoa daquilo que vertemos;  
sempre algo de nós naquilo que largamos,  
um resto de pó dos caminhos que trilhamos,  
algum senso na loucura que adotamos,  
um ganho qualquer naquilo que perdemos;  
fica sempre um bem-querer naqueles que sofremos,  
e sempre algo por dizer  
daquilo que dissemos

estes ventos de agosto sopram o ruído  
dos teus brônquios quando dormes  
os vagidos de tu menina  
os suspiros de tu mulher  
estes ventos de agosto — ah! gosto destes ventos —  
estão a te despir sem que percebas

se eu não te quisesse tanto bem  
mal não te desejaria  
não por bem  
mas pelo mal  
que não te querer bem  
causaria

*De Ilha da Canção (1983).*